

CAPÍTULO 4

ARQUEOLOGIA, EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E HISTÓRIA INDÍGENA EM PELOTAS

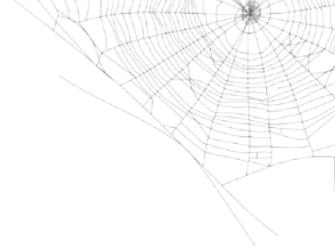
DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/pcdma04>

Rafael Guedes Milheira

Caroline Araújo Pires

SUMÁRIO

The background of the cover is a photograph of a landscape with a large spider web overlaid on it. The web is white and stretches across the entire frame. In the background, there are rolling hills and a cloudy sky. In the foreground, several people are visible, some looking towards the camera and others looking away. The overall color palette is warm, with shades of orange, yellow, and brown.



INTRODUÇÃO

O projeto Arqueologia, Educação Patrimonial e História Indígena em Pelotas tem como objetivo central promover debates e discussões junto à sociedade pelotense, em diferentes esferas sociais, sobre a História de grupos indígenas que habitaram a região pampeana desde o período pré-colonial. As ações desse projeto de extensão, desenvolvido desde o ano de 2011, ocorrem junto a escolas públicas e privadas, associações de bairro e diferentes setores da Prefeitura Municipal de Pelotas entre outras instituições que, eventualmente, abrem espaço para o tema da história indígena regional e a necessidade de preservação dos lugares arqueológicos mapeados pelas pesquisas.

Nesse sentido, além de promover debates sobre a história indígena regional, busca-se divulgar o patrimônio arqueológico pré-colonial situado em Pelotas e municípios vizinhos, no intuito de que, através da ampla informação, os sujeitos sociais se sintam identificados com o patrimônio e contribuam com a preservação dos sítios arqueológicos. Esse projeto se vale de uma estratégia tradicional de divulgação científica das pesquisas arqueológicas desenvolvidas pelo Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas (LEPAARQ-UFPEL), sendo, portanto uma forma de extensão da UFPEL.

As atividades têm como pano de fundo a discussão sobre o consagrado conceito de “patrimônio cultural”, entendido aqui no princípio da indissociabilidade entre elementos materiais e não-materiais que compõem os lugares e coisas de valor histórico e o meio ambiente e habitat, o que, por um viés analítico, pode ser dividido entre patrimônio cultural e patrimônio ambiental, *sui generis* (PIÑON e FUNARI, 2004). Esse pano de fundo inseparável é o fio condutor das temáticas abordadas nas atividades, visto que um dos objetivos é informar/ensinar/educar sobre as diferentes “camadas” da história de ocupação humana regional, desde os primeiros habitantes indígenas (construtores de cerritos, construtores de sambaquis e Guarani) que dominaram as terras pampeanas e constituíram paisagens históricas em meio a banhados, charcos, rios e terrenos ondulados, tanto da planície costeira como da serra do sudeste (MILHEIRA, 2014; MILHEIRA *et al.*, 2016).

Esse pano de fundo que prevê a indissociabilidade entre diferentes esferas patrimoniais, mais uma vez, conecta-se a temas contemporâneos e latentes na vida das pessoas, uma vez que são abordados problemas urbanos e/ou rurais que remetem à vida cotidiana. Por exemplo, o tema de construções de empreendimentos imobiliários em áreas alagadiças da cidade, que, embora legalizadas pelo poder público local, ferem as normativas das leis ambientais brasileiras, causando

sérios problemas de infraestrutura, perda de biodiversidade e destruição de lugares históricos, como os sítios arqueológicos e suas áreas de implantação. O exemplo mais recorrente nessa discussão é o caso do Pontal da Barra, localizado na margem da laguna dos Patos, que sofre com um projeto de construção de um loteamento residencial, pondo em risco um complexo de sítios arqueológicos conhecidos regionalmente como *cerritos* (MILHEIRA, CERQUEIRA e ALVES, 2012; MILHEIRA *et al.*, 2016), assim como o banhado do Pontal da Barra propriamente dito (CRUZ, 2008) e, pelo menos, duas espécies de peixes anuais que compõem a lista vermelha de espécies ameaçadas de extinção (espécies: *Austrolebias nigrofasciatus* e *Austrolebias wolterstorffi*) (ROSA e LIMA, 2008). Além dos peixes, várias espécies de aves correm o mesmo risco (MAURICIO e DIAS, 2000). Ademais, esse projeto de empreendimento põe em risco a vida humana no local, visto que o banhado “funciona” como um tipo de esponja que dá vazão às águas da laguna e do canal São Gonçalo, portanto, a sua supressão traz um risco social. Outro risco social é a *gentrificação* em curso, que já retirou moradores da localidade via ação do Ministério Público Federal, em consonância com a solicitação dos empreendedores (NEBEL, 2014). São, portanto, temas latentes, de conflitos quotidianos, de ordem pública e que a partir da arqueologia podem ser discutidos nas ações extensionistas.

Do ponto de vista teórico, a pesquisa trilha os caminhos da educação patrimonial, tendo como principais estratégias de ação: atividades expositivas temporárias, oficinas de educação patrimonial, palestras e reuniões nas diferentes esferas sociais, em especial, associações de bairro e escolas onde se encontram contextos arqueológicos. Segue-se algumas “premissas básicas” recomendadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (FLORÊNCIO *et al.*, 2014, p. 47), a saber:

- Garantia de um espaço para colaboração de saberes e difusão do conhecimento.
- Realização, promoção e fomento das ações educativas e articulação das áreas de patrimônio cultural, meio ambiente e turismo, entre outros campos da ação pública.
- Estímulo à participação da população na gestão da proteção, salvaguarda, valorização e usufruto do patrimônio cultural.
- Promoção permanente de oficinas, cursos e outros eventos voltados à socialização de conhecimentos e à qualificação de profissionais para atuar na área.
- Fomento e fortalecimento da atuação em redes sociais de cooperação institucional e com a comunidade.



- Reconhecimento da importância da preservação do patrimônio cultural.

Essa ação de extensão se justifica, portanto, pela necessidade de que o conhecimento científico produzido na Universidade extrapole os seus muros, alcançando a sociedade como um todo. Somente com o conhecimento generalizado sobre o patrimônio arqueológico regional é possível atender as demandas jurídicas de preservação dos sítios arqueológicos e seus lugares de implantação. Em síntese, os objetivos do projeto são os seguintes: 1) Promover debates junto à comunidade sobre a história indígena regional, atentando-se aos processos de ocupação regional pré-colonial; 2) Divulgar o conhecimento científico para publicizar as pesquisas arqueológicas realizadas pela UFPEL na região de Pelotas, a fim de sensibilizar a sociedade para a preservação do patrimônio arqueológico indígena; 3) Participar em ações comunitárias junto a escolas, associações de bairro e outras representações formais e não formais no município de Pelotas e municípios vizinhos.

AÇÕES DE EXTENSÃO

Visitas guiadas

Durante as atividades de escavação realizadas no Pontal da Barra foram convidadas escolas da rede pública para visita das escavações, oportunizando a troca de informações sobre os procedimentos de campo e as interpretações em curso nos sítios arqueológicos. Destaca-se a visita de alunos de turmas da Escola Dom Francisco de Campos Barreto, do bairro Valverde. Essas turmas de 6ª e 7ª séries do ensino fundamental fizeram uma visita guiada pelos cerritos do Pontal, podendo ter contato com os sítios arqueológicos do banhado próximo de onde habitam.

Figuras 1 e 2 – Visitação de turmas de alunos da escola Escola Dom Francisco de Campos Barreto ao cerrito PSG-01 durante escavação arqueológica realizada pela equipe do LEPAARQ-UFPEL.



Fonte: Acervo LEPAARQ-UFPEL

PALESTRAS E EXPOSIÇÕES EM ESCOLAS DA REDE PÚBLICA

As palestras e exposições em escolas públicas da região de Pelotas foram realizadas da seguinte forma: apresentou-se slides em projeção em tela sobre a arqueologia em geral (conceitos básicos da arqueologia, ações dos profissionais em arqueologia, legislação e cuidados com os materiais arqueológicos) e arqueologia na região de Pelotas, com fotos de escavações e artefatos encontrados nas mesmas. Nessa oportunidade foram apresentados mapas de localização dos sítios arqueológicos em Pelotas, o que geralmente impressiona os alunos e professores, dada a proximidade desses contextos arqueológicos com seus locais de moradia e circulação. É importante destacar que a atividade expositiva foi sempre realizada na sala de aula ou auditório, utilizando de classes de aula para exposição dos objetos arqueológicos, de forma bastante improvisada e rústica. Já houve situações em que os materiais arqueológicos foram dispostos no chão, em meio aos alunos, pois o que está em jogo não é a expografia, mas a oportunidade de conversar sobre o significado históricos dos objetos. Essa é uma abordagem improvisada, mas intencionalmente improvisada, já que o que se busca é aproximar as pessoas dos objetos, sem necessariamente haver uma preocupação com a disposição das peças.

Os alunos tiveram a oportunidade de manipular peças originais e réplicas, visto que o LEPAARQ dispõe de uma coleção (coleção do IHGPEL, número de catálogo 9), resultante de ações arqueológicas amadoras nos anos 1990, que geraram um acervo de centenas de materiais cerâmicos e líticos provenientes de, pelo menos, dois sítios arqueológicos Guarani distintos, os quais não tiveram a devida curadoria. Esses materiais foram misturados e após a doação dessa coleção, feita pelo

Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas ao LEPAARQ, no ano de 2001, o material foi devidamente salvaguardado, porém já sem informações precisas de procedência e, portanto, com seu potencial de pesquisa arqueológica limitado. No entanto, da perda de potencial científico tradicional, emergiu a possibilidade de uso efetivo desses materiais nas atividades expositivas, permitindo o uso sensorial em peças originais arqueológicas nas exposições. Além das peças originais, são utilizadas uma réplica de um zoólito de tubarão feita em cerâmica e pontas de projeteis em resina (produzidas sobre originais de contextos da tradição Umbu).

A palestra, além de ter sido um momento de divulgação de informações relativas ao conhecimento arqueológico produzido pelas pesquisas do LEPAARQ, foi uma atividade em que foram abordados os temas de preservação desses contextos, destacando-se projetos de empreendimento que põem em risco a integridade desses lugares, assim como a ausência de fiscalização e a inércia do poder público local. Foi um momento para os alunos sanarem dúvidas e curiosidades sobre os temas tratados, abrindo-se sempre rodas de conversa sobre a importância de preservação dos sítios arqueológicos, como proceder ao encontrar possíveis artefatos e a situação específica do Pontal da Barra e da várzea do canal São Gonçalo.

Foram realizadas dezenas de atividades em escolas públicas desde o início do projeto, dentre as quais trazemos alguns relatos que se destacam por terem sido atividades com dinâmicas relativamente distintas:

No ano de 2014 foi realizada palestra e exposição na Escola Estadual Nossa Senhora de Lourdes o público-alvo foram turmas de ensino médio, somando 183 alunos do 1º, 2º e 3º anos, os quais participaram das atividades junto com as professoras das respectivas turmas que cederam seus períodos de aula para as atividades.

Figuras 2 e 3 – Fotos com a apresentação dos Slides e materiais arqueológicos pela turma do LEPAARQ nas atividades da escola Escola Estadual Nossa Senhora de Lourdes, em 2014.



Fonte: Acervo LEPAARQ-UFPEL

Também no ano de 2014 foi organizado um conjunto de atividades na Escola Félix da Cunha com turmas de 4º, 5º e 6º anos, somando-se 159 alunos presentes nas atividades que duraram três dias. As atividades foram demandas pela escola, já que a professora responsável pelas turmas viu na Educação Patrimonial uma maneira de complementar o ensino de história e geografia para os alunos. Foi apresentado um conjunto de slides falando rapidamente o que é arqueologia e mostrando artefatos arqueológicos utilizados na história pré-colonial regional, junto com ilustrações da utilização dos mesmos. Num segundo momento da atividade foi realizada uma escavação arqueológica no pátio da escola, onde a equipe do LEPAARQ inseriu artefatos em pequenas quadrículas em que, munidos de ferramentas utilizadas em escavações, os alunos tiveram que os encontrar. Utilizando o que haviam visto nos slides, eles identificavam o material e sua função. Os alunos também haviam feito desenhos sobre o que entendiam ser a arqueologia, resultando em um material de retorno da atividade.

Figuras 5 a 8 – Fotos das crianças durante a escavação simulada, registrando material retirado da terra.



Fonte: Acervo LEPAARQ-UFPEL

No ano de 2015, alunos da Escola Doutor José Bresque Filho visitaram o LEPAARQ para conhecer as dependências, a rotina de trabalho e as pesquisas desenvolvidas em um laboratório de arqueologia. A atividade ocorreu com um público de 1º, 2º e 3º anos do ensino fundamental. Acompanhados por professores e monitores tiveram uma visita guiada nos ambientes do laboratório: 1) na sala de curadoria, onde tiveram noção do que do processo que acontece quando o material chega de campo, onde são higienizados, registrados e catalogados; 2) na reserva técnica, onde viram como e de que forma o material fica acondicionado após a curadoria; 3) na sala de estudo e reunião, onde são feitos os planejamentos, as capacitações da equipe e processamento de dados; 4) na sala de análise, onde viram materiais dispostos em processo de análise, como cerâmicas históricas reconstituídas, ossadas de animais e materiais líticos.

Após conhecerem os cômodos e as pesquisas realizadas pelo laboratório, voltaram para a sala de curadoria onde estavam dispostos alguns artefatos pré-coloniais sobre a mesa e foi feita uma dinâmica para reconhecimento desses materiais. Esses alunos já haviam participado de ações educativas sobre o patrimônio cultural e por esse motivo reconheceram com facilidade os artefatos.

Figura 9 – Alunos da Escola Doutor José Bresque Filho, visitando o LEPAARQ.



Fonte: Acervo LEPAARQ-UFPEL

No ano de 2015, foi realizada uma atividade interessante durante o dia da Feira de Ciências e da 1ª Mostra do Conhecimento da Escola Estadual de Ensino Fundamental Santa Eulália, localizada no 5º Distrito de Pelotas. O LEPAARQ esteve

presente a convite da direção da escola com uma exposição de materiais arqueológicos indígenas do período pré-colonial. A feira tinha como objetivo despertar o gosto pela investigação científica nos alunos, assim como levar informações aos alunos sobre a atuação no âmbito universitário e profissional aos quais o laboratório está vinculado.

Estiveram presente não só os alunos da escola Santa Eulália – o convite da direção para participação nesse evento foi estendido a toda comunidade e as escolas do entorno – mas também aos membros da Escola Erasmo Braga, aos pais e mães dos alunos e alunas e à comunidade em geral, tendo participado uma média de 130 pessoas. Na exposição foram dispostos *banners* sobre as etapas do trabalho e da pesquisa arqueológica e foi organizada uma exposição de materiais do período pré-colonial coletados em Pelotas e foram distribuídos exemplares do livreto infantil de educação patrimonial.

Figura 10 – Explicação para os alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental Santa Eulália.



Fonte: Acervo LEPAARQ-UFPEL

Dia do Patrimônio

O Dia do Patrimônio é um evento já tradicional no município de Pelotas, que ocorre anualmente durante um fim de semana. É uma ação realizada pela Secretaria Municipal de Cultural de Pelotas e tem como principal objetivo aproxi-

mar a sociedade pelotense dos diferentes tipos de patrimônios materiais e imateriais que se encontram e se manifestam em Pelotas. Como exemplo, são realizadas dezenas de atividades (canto, saraus, dança, capoeira etc.) nos casarões do século XIX, nas praças públicas e no largo do Mercado Público da cidade. Esses espaços ficam abertos e o público visita, compartilha e usa esses lugares, essas coisas e esses fenômenos. Escolas públicas são convidadas a visitarem as atividades e ações desenvolvidas, tornando-se um fim de semana em que a relação entre diferentes públicos e diferentes patrimônios é potencializada¹.

As atividades do LEPAARQ, durante o Dia do Patrimônio, são sempre voltadas à realização da exposição temporária intitulada “Pelotas 2500 anos de história indígena”, cuja dinâmica é mais elaborada do que aquela possível nas visitas às escolas. A montagem da exposição envolve uma estrutura mais ampla, contando com expositores, *banners* em temas sequenciais, vídeos e a monitoria de alunos e alunas bolsistas ligados ao projeto. O material arqueológico consiste em: artefatos líticos como, por exemplo, um machado de pedra, um enxó, boleadeiras comuns e uma mamilar, dois projéteis de flecha, mão de pilão, bastonete, quebra-coquinhos, um zoólito de pombo e um zoólitos de tubarão. Alguns cachimbos de cerâmica, fragmentos de cerâmica Guarani dos tipos corrugada, pintada e lisa. *Banners* explicativos sobre os coletivos construtores de estruturas conhecidas como Sambaquis e Cerritos, *banners* sobre as ocupações dos coletivos indígenas Guarani, sobre Arqueologia, procedimentos arqueológicos, e um último com um mapa revelando a localidade das ocupações Guarani e as construções antrópicas encontradas em Pelotas e região.

Em todos os anos em que a exposição foi organizada, foi possível realizar palestras com o público visitante e disponibilizar a visualização do documentário “12.000 mil anos de história. Arqueologia e Pré-história do Rio Grande do Sul”, organizado pela professora Dra. Sílvia Moehlecke Copé, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Por se tratar de um documentário que versa sobre as ocupações indígenas no estado do Rio Grande do Sul, é possível correlacionar as ocupações humanas representadas nas exposições com um cenário macrorregional, abordando uma história indígena de longa duração em ampla escala geográfica.

Durante o Dia do Patrimônio, realizado no ano de 2014, foi possível, além da exposição, realizar uma visita guiada ao sítio arqueológico do Pontal da Barra, em que compareceram pessoas interessadas na discussão da preservação daquele espaço arqueológico, o que nos permitiu apresentar *in loco* os problemas de desmatamento, agressão ao ambiente e a destruição dos sítios arqueológicos.

¹ Trata-se de um projeto premiado recentemente na 29ª edição do Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Figuras 11 e 12 – Palestra realizada durante a exposição arqueológica e visita guiada ao sítio do Pontal da Barra.



Fonte: Acervo LEPAARQ-UFPEL

Alguns desdobramentos

Ensinar, educar, aprender, sensibilizar, divulgar e expor materiais e ideias é uma constante nas atividades extensionistas desse projeto. Além da relação direta com as pessoas envolvidas, tanto da equipe de profissionais e alunos universitários, como das pessoas alcançadas pelo projeto (professores e alunos das escolas, pais, mães e demais profissionais), essas ações extensionistas têm sido responsáveis por um panorama positivo de publicização da arqueologia local.

A partir de uma sinergia intensiva entre as atividades de pesquisa desenvolvida no âmbito do LEPAARQ-UFPEL (que envolvem ações de mapeamento de sítios arqueológicos, escavações, datações e publicações dos resultados científicos em veículos de mídia, periódicos e livros) com atividades de extensão como aquelas acima relatadas, pode-se dizer que a arqueologia no município de Pelotas é uma atividade em ação política constante.

A partir do campo e das escolas, temos sido demandados (como arqueólogos e arqueólogas) à tomada de decisões sobre políticas públicas em diferentes esferas do poder público. Dois exemplos merecem aqui ser citados.

Em primeiro lugar, a participação de membros do LEPAARQ-UFPEL na composição da equipe de conformação do Plano Diretor do município de Pelotas, que teve o êxito de criar alguns parâmetros para a legislação municipal, sobretudo no que se refere à determinação de lugares de interesse para preservação do patrimônio cultural. Esse Plano Diretor foi publicado no ano de 2005 e segue sendo revisto sistematicamente pelo Conselho do Plano Diretor (CONPLAD).

Em segundo lugar, a participação, novamente, de membros da equipe do LEPAARQ-UFPEL na composição do grupo de criação do Plano Municipal de Meio ambiente, levado a público no ano de 2014. Através do Plano Municipal de Meio Ambiente foi possível determinar áreas de interesse de preservação ambiental, em consonância com a localização do patrimônio arqueológico mapeado e registrado no município, como é o caso do Pontal da Barra e várzea do canal São Gonçalo. Com esse plano, foi possível decidir que o Pontal da Barra se torne um lugar de interesse para a implantação de uma Unidade de Conservação, a ser decidida futuramente.

Essas decisões políticas que se desdobraram em normativas jurídicas, reforçam as ações de reivindicação para a preservação do patrimônio cultural no município de Pelotas, através do Movimento Pontal Vivo, que surgiu em função da defesa do Pontal da Barra. Esse movimento atua de maneira autônoma, sem vinculações partidárias, interagindo através de redes sociais, reuniões presenciais para tomada de decisões e ações públicas, como protestos, exposições de fauna e flora e materiais arqueológicos que compõem o patrimônio ambiental e cultural do Pontal. Além de ações públicas que buscam sensibilizar a sociedade pelotense sobre a importância do Pontal da Barra, o Movimento Pontal Vivo organizou dois seminários nos anos de 2012 e 2014. Esses eventos foram de cunho acadêmico, mas tiveram ampla repercussão social. Deles, participaram técnicos, ambientalistas e representações políticas locais, no intuito de discutir os aspectos legais do empreendimento, publicizar o patrimônio ambiental e cultural e pensar em estratégias de resistência e luta contra a destruição do banhado do Pontal da Barra.

Figura 13 – Foto de membros do Movimento Pontal Vivo em uma ação de protesto em defesa do banhado do Pontal da Barra. Acervo: Pontal Vivo.



Fonte: Acervo LEPAARQ-UFPEL

O Movimento Pontal Vivo foi responsável – por meio de protestos, denúncias e fiscalização em campo – pela ativação de ações junto aos órgãos públicos como Fepam e Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), como, até mesmo, junto ao Ministério Público Federal. Atualmente, as obras do loteamento Pontal da Barra estão embargadas por sentença judicial em primeira instância. Além disso, junto ao Iphan foi aberto um processo de Chancela de Paisagem Cultural, cuja aprovação pode definir a preservação integral do banhado do Pontal da Barra, assim como, junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Estadual (IPHAE) também foi demandada a abertura de um processo de Tombamento da Paisagem. Ambos os processos estão em avaliação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações do projeto extensionista Arqueologia, Educação Patrimonial e História Indígena em Pelotas alcançaram centenas de pessoas, sobretudo de ambientes escolares do município de Pelotas. Foram realizadas atividades educativas, tendo como principais estratégias de ação: atividades expositivas temporárias, oficinas de educação patrimonial, palestras e reuniões nas diferentes esferas sociais, em especial, associações de bairro e escolas onde se encontram contextos arqueológicos. Nessas atividades, além das “camadas” de história humana, apresentadas nas exposições, palestras e oficinas, é possível abordar temas latentes que impactam a vida da população pelotense, como os temas de urbanização de áreas de grande sensibilidade ambiental, a exemplo do caso do Pontal da Barra.

Além de ações nas escolas, a sinergia entre as atividades de pesquisa e extensão do LEPAARQ-UFPEL, desde o início de sua história, tem criado um panorama positivo em termos de um cenário pró-preservação. Sistematicamente a equipe do LEPAARQ vem sendo demandada na tomada de decisões sobre políticas públicas em Pelotas, de forma que a arqueologia tem sido protagonista no desenvolvimento de normativas jurídicas em defesa do patrimônio cultural no município de Pelotas.

Com isso, é possível afirmar que a arqueologia em Pelotas é ação política, que se vale de pesquisas científicas para valorização do patrimônio cultural. A partir do campo e das escavações, temos ido às escolas, às ruas para expor e potencializar os usos do patrimônio arqueológico registrado. Do campo, para as escolas e, daí, para as mesas de tomadas de decisões políticas, junto a conselhos municipais. Do campo temos partido aos ambientes de denúncia pública, como o Ministério Público Federal e demais órgãos de proteção patrimonial, como Iphan e Iphae. Do campo às diferentes esferas de ação social e política temos uma trajetória conflitiva

e cotidiana, cujos resultados preservacionistas vêm sendo reconhecidos por diferentes atores públicos. O meio para essa trajetória tem sido a Educação Patrimonial e seus variados desdobramentos políticos.

REFERÊNCIAS

CRUZ, J. A. W. da. **Laudo técnico ambiental Banhado do Pontal da Barra:** caracterização e diagnóstico ambiental. Pelotas: UCPEL, 2008.

FLORÊNCIO, S. R.; CLEROT, P.; BEZERRA, J.; RAMASSOTE, R. **Educação Patrimonial:** Histórico, conceitos e processos. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2014.

MAURICIO, G. N. e DIAS. **New distributional information for birds in southern Rio Grande do Sul, Brazil, and the first record of the Rufous Gnatcatcher *Conopophaga lineata* for Uruguay.** Bull. Brit. Ornith. Club 120 (4), 2000, p. 230-237.

MILHEIRA, R. G. **Arqueologia Guarani na laguna dos Patos e serra do Sudeste.** Pelotas: EDUFPEL, 2014.

MILHEIRA, R. G. Entre o desenvolvimentismo e a preservação do patrimônio. O caso do Pontal da Barra, no sul do Brasil, Pelotas-RS. *In:* MUNOZ, J. G. **Ser de imagen y de signo:** abordajes sobre el patrimonio cultural. Venezuela: Fondo Editorial de la Universidad Latinoamericana y del Caribe (FEULAC), 2015, p. 16-38.

MILHEIRA, R. G.; CERQUEIRA, F. V.; ALVES, A. G. **Programa Arqueológico de Diagnóstico e Prospecção na Região do Pontal da Barra, Pelotas-RS.** Revista Memória em Rede, v. 2, 2012, p. 1-27.

MILHEIRA, R. G.; GARCIA, A. M.; RIBEIRO, B. L. R.; ULGUIM, P. F.; SILVEIRA, C. S. da; SANHUDO, M. da S. **Arqueologia dos cerritos na Laguna dos Patos, Sul do Brasil:** uma síntese da ocupação regional. Cadernos do CEOM 29 (45), 2016, p. 33-63.

NEBEL, G. C. da S. **Conflitos ambientais no Pontal da Barra, Pelotas-RS – desde uma perspectiva etnográfica na educação ambiental.** Rio Grande: FURG. (Dissertação de Mestrado), 2014.

PIÑON, A.; FUNARI, P. P. **Contando às crianças sobre o passado no Brasil.** Cadernos do LEPAARQ 1 (1), 2004, p. 13-30.

ROSA, R. S. e LIMA, F. C. T. Peixes. *In*: MACHADO, A. B. M.; DRUMMOND, G. M. & PAGLIA, A. P. (eds.). **Livro vermelho da fauna brasileira ameaçada de extinção.** Brasília. Ministério do Meio Ambiente, 2008, p. 907.